

ROSE

Maria Estela Guedes

Que asas impossivelmente lentas o sopro suspendem diante da luz? Os passos passam contra a noite semicerrada, enquanto um pássaro dorme e a lua vigia.

Que penso no pensar que pensa o pensamento?

Delicadas redes ataram a língua por trás das costas, mas se voo — o espaço é grande. Assim como mergulho na distância onde o insecto se abisma e pousado descansa: ponto de cruz no tecido do universo.

Olhar para trás, e o futuro enlouquece de tão longe. Só a lua inspira respirações de lacre, quando pensar custa e um soluço agrava.

Dedos tesos, tesão de macho: assim o bafo aquece a carne e o papel move suas crinas de aço. Falo. Falo. Palavra dura em mansidão de pássaro. A que latitude fica o meio-dia quando o sol se inclina e a lua suspira?

As flores que disparam seus estames à caça esquiva, em que naufrágio de insectos se douram agora? Que dia assim gravado na retina produz a estrela da evidência?

Vi auroras brutais encostarem os flancos pelas arestas mordidas das esquinas; penso: que posso pensar que ao mesmo tempo seja rosa e seja mar? E então sobem aos olhos os jardins subaquáticos com suas imensas corolas coloridas de movimento — muito, muito lento. Que a maior concentração de velocidade move-se em câmara lenta. Assim as águas, assim o filme emerso da retina: anêmonas, verdes algas estiradas, cortinas de vento.

Que posso pensar que seja uma raiva, festa do amor violento? Penso rosa, ousar ser. Pensa num cão eriçado de febre, numa pantera afundada nos seus pulsos de silêncio. Pensa que isso abraças, agora, neste coral pintado de negro saliente.

Pensava cavalos de sangue, cabeças de carne naufragáveis, palavras absortas no rio onde rosas adormecem transtornadas. Então, rápidas manadas de perigosas aves riscavam de lume o firmamento.

Desvios, incensos na noite, furiosos navios.

Rosa, corpo que a treva mira, estarecida. Acto selvagem, incestuoso, vivo. Mudar as relativas posições dos astros na fundura das noites sexuadas, dar corpo às primaveras que se adiam, tocar verões como quem consente a morte — nunca, nunca.

Pensa então o silêncio de brasa — palavra muda das musas. Quem o suporta na sua fluidez de lacre contra os rochedos insanáveis? Declina a cor a flor à cratera do meu deslumbramento: rosa, fio de prumo no regaço.

Pensa que a tocas, a umbrosa boca que se expõe à língua, humidamente, a ternura de um pequeno mamífero quase implume, a candura da sua bicôncava alegria: nocturna ilha, ilha onde rapaces se embebedam de agonia.

Penso, penso, como deserta arena à espreita do sangue, dos dois bichos morrendo num orgasmo de cornos e corpos dementes. Pensa uma criatura exangue entre os dois suspensa: fio condutor ligando frase a frase o corpo carregado de sinais ardentes.

Jogos, razões ferozes com ancas e dentes.

Que naves se movem leves, entre dia e dia luzem, firmemente? Fendas, obscuras lacunas onde botões de rosa mergulham encharcados de silêncios.